

# Eduinvest prepara mais aquisições

Por Beth Koike - De São Paulo

Jornal Valor Econômico - 09/04/2014

Após a consolidação do setor de ensino superior, as atenções começam a se voltar para o mercado de educação básica – desde a creche até o ensino médio – que já tem dois importantes jogadores, a Abril Educação e a SEB. Agora, quem chega para competir é a Eduinvest – holding que comanda os colégios Anhembi-Morumbi e Anchieta, ambos situados em São Paulo e com 4 mil alunos.

Por trás da Eduinvest está o engenheiro Marco Gregori, que durante seis anos foi o braço-direito do professor Gabriel Rodrigues, fundador da Anhembi-Morumbi e maior acionista da Anhanguera. “No fim de 2011, o professor Gabriel e sua família optaram por focar em ensino superior. Mas eu tinha um projeto de consolidação da educação básica e decidi apostar nesse segmento”, disse Gregori, diretor-geral da Eduinvest.

Os primeiros negócios da holding têm ligação com o professor Gabriel. No começo de 2012, a Eduinvest adquiriu o Colégio Anhembi-Morumbi e seis meses depois o Colégio Anchieta. Esta última escola fazia parte dos ativos de um grupo de ensino superior comprado pela Anhanguera, que não tinha interesse neste ativo. As duas escolas foram vendidas por R\$ 9 milhões.

Os recursos para as duas aquisições vieram de ‘family offices’ e investidores-anjo. Atualmente, a Eduinvest está em fase final de captação de R\$ 50 milhões junto a fundos de famílias que administram suas fortunas com foco em educação. Gregori não revela o nome desses investidores. Mas sabe-se que, no Brasil, as famílias Lemann, Telles, Setúbal, Ermírio de Moraes, Diniz, além do professor Gabriel, por exemplo, alocam parte de suas fortunas para educação.

O aporte de R\$ 50 milhões envolve a venda de até 51% da Eduinvest. “Nosso objetivo é fazer novas aquisições e ter entre 8 mil e 10 mil alunos até 2017”, disse Gregori. O alvo são escolas em São Paulo com mensalidades na casa dos R\$ 1 mil, valor cobrado no colégio Anhembi-Morumbi. “Também procuramos negócios que estejam com margem Ebitda negativa em 1% ou 2%. Com isso, conseguimos um bom preço na aquisição e virar a operação com gestão”, disse. O executivo lembrou que o Anhembi-Morumbi estava com margem operacional negativa em 2012 e atingirá o equilíbrio neste ano.

A longo prazo, os projetos da Eduinvest são ambiciosos. O objetivo é fazer três novas captações no valor total de R\$ 500 milhões nos próximos sete anos. “Queremos ter uma rede de escolas com 45 mil alunos, faturamento de R\$ 550 milhões e Ebitda de R\$ 110 milhões até 2021”, disse. Os aportes podem vir de fundos de private equity e há até planos de uma abertura de capital em 2020.

A holding analisa ainda uma expansão em escolas com mensalidades de cerca de R\$ 400, montante ao cobrado no Anchieta, localizado em São Bernardo do Campo (ABC). “Esse é um nicho muito interessante. Mas é um projeto que demanda um diagnóstico bem detalhado de bairros de classe média emergente, custo por aluno e margens mais apertadas”, explicou.

Esse olhar para as escolas com mensalidades inferiores tem fundamento. Com o aumento na renda no país, os investidores acompanham de perto a migração de alunos da rede pública para escolas particulares. Segundo o MEC, entre 2010 e 2012, o número de matrículas na educação básica pública caiu 4%. Já nos colégios particulares, houve um acréscimo de 10%. A rede pública ainda é muito maior, representando 84% dos 50,5 milhões do total de matriculados. “Há cerca de 8 milhões de alunos em escolas particulares. É um número bem semelhante ao do ensino superior privado e com a diferença de que a educação básica contempla 13 anos de estudos.”

De acordo com a consultoria Hoper, o mercado de escolas particulares movimentou R\$ 39,1 bilhões e o setor de ensino superior, R\$ 32 bilhões em 2013. A consolidação na educação básica ainda não deslanchou porque o setor é muito pulverizado e com várias escolas sem fins lucrativos. Em 2011, havia 36,8 mil colégios particulares. Para efeitos de comparação, no mesmo ano, havia 2 mil instituições de ensino superior.

Mesmo nesse cenário já há outros investidores de peso fazendo suas apostas. O empresário Chaim Zaher, maior acionista da Estácio e fundador da SEB, tem planos de investir R\$ 200 milhões até 2016 para ter abrir, pelo menos, uma escola em cada capital. Hoje, o Grupo SEB conta com 40 escolas das bandeiras SEB/COC, Dom Bosco e Pueri Domus em 13 cidades. No ano passado, a Abril Educação investiu mais de R\$ 230 milhões para comprar os colégios Sigma e Motivo, em Brasília e Recife, respectivamente. A companhia também é dona do colégio carioca p.H. e pretende abrir uma escola com a bandeira Anglo, em São Paulo.

Gregori destaca que um dos diferenciais de suas escolas é a metodologia pedagógica “menos acadêmica”, e mais direcionada ao empreendedorismo e desenvolvimento de habilidades práticas.

Fonte: <http://www.valor.com.br/empresas/3510448/eduinvest-prepara-mais-aquisicoes>